



Serviços educativos na cultura: Que lugar para a educação? Uma experiência de estágio no serviço educativo do Centro Cultural Vila Flor

Carlos Xavier Mendes Araújo

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
xavieraraujo89@hotmail.com

Maria Teresa Guimarães de Medina

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
tmedina@fpce.up.pt

A comunicação que nos propomos apresentar decorre de uma experiência de estágio no Serviço Educativo (SE) do Centro Cultural Vila Flor (CCVF), em Guimarães, em contexto de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, durante cerca de cinco meses, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação – domínio de Desenvolvimento Local e Formação de Adultos, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Falar desta experiência faz sentido, concebendo as instituições culturais como espaços onde a educação está claramente presente, o que justifica uma maior aposta na valorização de todo esse potencial educativo. Fala-se neste caso de uma educação de tipo não-formal, e por isso diferente da educação escolar no que diz respeito às suas preocupações e às dinâmicas que produz, caracterizando-se pela flexibilidade de horários, programas e locais, e pela preocupação em construir situações educativas adequadas a contextos e públicos singulares, tal como acontece, efetivamente, nas atividades que o SE do CCVF desenvolve.

Ao longo do estágio foram estabelecidas relações com os vários profissionais do CCVF, o que permitiu adquirir um conhecimento geral sobre as suas funções e sobre o funcionamento da instituição e do SE em particular. Também o envolvimento nas atividades e projetos do SE permitiu construir um entendimento sobre o contexto onde estava inserido e sobre o espaço de intervenção dos profissionais das Ciências da Educação em instituições congéneres.

A partir da realização do estágio foi possível concluir que a criação de um serviço educativo é uma questão que se torna pertinente quando se fala da criação e implementação de uma estrutura de oferta cultural em tecido urbano. Neste sentido, os serviços educativos são uma peça fundamental nas instituições culturais, na medida em que são o órgão responsável por estabelecer a relação entre determinada instituição e o seu público, através da promoção de projetos e atividades de carácter lúdico e educativo, tendo a preocupação de que essas atividades abranjam um leque amplo de públicos. Sendo a cultura uma importante fonte de socialização, os serviços educativos adquirem importância enquanto facilitadores de uma aproximação entre pessoas, instituições e culturas.

Palavras-chave: serviços educativos, cultura, desenvolvimento local.

Notas introdutórias

Para esta comunicação será tomada como base a experiência de estágio vivenciada pelo primeiro autor no Serviço Educativo (SE) do Centro Cultural Vila Flor (CCVF), em Guimarães, em contexto de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, durante cerca de cinco meses, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação – domínio

de Desenvolvimento Local e Formação de Adultos, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Os principais objetivos do estágio foram conhecer e experienciar a profissão de técnico de serviço educativo numa instituição cultural de referência, não tendo sido apresentado ao SE do CCVF um projeto previamente delineado, visto não se possuir, até então, conhecimento do *modus operandi* do CCVF. A inserção na instituição caracterizou-se essencialmente por uma abertura à colaboração com os projetos que o SE tinha em mãos, ou em mente, nunca esquecendo a especificidade das ciências da educação e a preocupação com a manutenção de um olhar reflexivo e crítico sobre a realidade.

O estágio foi marcado pela presença concomitante de vários conceitos, tais como arte, cultura, educação, democracia cultural e desenvolvimento local. Foi pelo cruzamento entre eles e pela redescoberta de novas formas de os relacionar que se norteou o pensamento e a ação no decurso do estágio e no processo de escrita do relatório. A metodologia de ação privilegiou sempre o «trabalhar com», valorizando-se o trabalho em equipa, a escuta, a disponibilidade para trabalhar e para aprender.

Ao longo do estágio foram sendo estabelecidas relações com os vários profissionais do CCVF, o que permitiu adquirir um conhecimento geral sobre as suas funções e sobre o funcionamento da instituição e do SE em particular. As conversas do dia-a-dia foram importantes a esse nível porque permitiram captar diferentes sensibilidades e construir um entendimento sobre o contexto onde decorria o estágio.

Caracterização do serviço educativo do Centro Cultural Vila Flor

O CCVF situa-se em Guimarães, no local onde outrora fora a Quinta de Vila Flor, num espaço partilhado com o Palácio Vila Flor – um edifício do século XVIII, que conjuga memórias ancestrais com traços de modernidade. O edifício que alberga o CCVF, inaugurado no dia 17 de Setembro de 2005, foi construído de raiz para permitir a sua utilização para a realização de eventos de diversa natureza, nomeadamente a apresentação de espetáculos de índole cultural.

A gestão do CCVF foi atribuída a uma entidade municipal: “A Oficina” – Centro de Artes e Mesteres Tradicionais de Guimarães, que é atualmente responsável pelo projeto de intervenção cultural de Guimarães, cabendo-lhe a administração, conservação e desenvolvimento do Centro Cultural.

O Serviço Educativo do CCVF é uma parte da instituição, responsável por fazer programação cultural com preocupações diferenciadas da programação geral do CCVF. Embora o objetivo da sua programação não seja a educação, reconhece que ela é propícia à aprendizagem, a qual decorre de uma preocupação em estimular o pensamento, o questionamento, promovendo a reflexão, a invenção e a descoberta.

Serviços educativos e sua relação com o território

Serviços educativos como espaços educativos não-formais

Reconhecendo que o trabalho dos serviços educativos possui valor educativo, é importante circunscrever o conceito de educação, por forma a podermos tirar tal ilação.



Neste sentido, torna-se premente abordar sinteticamente o conceito de Educação Permanente, surgido em finais dos anos 60, no âmbito da UNESCO.

Na 3ª Conferência da UNESCO, realizada em 1972, a Educação Permanente era então encarada como “o conjunto dos meios e métodos que permitem dar a todos a possibilidade de compreenderem, sempre e melhor, o mundo em evolução” (citado por Medina, 2008, p. 18), devendo ser entendida

como um factor de desenvolvimento cultural, social e económico [que] deve penetrar a sociedade – o trabalho, os tempos livres, as actividades cívicas, tendo em conta os laços existentes entre o homem e o trabalho (no seu sentido mais amplo), entre os interesses de realização da pessoa e os interesses de desenvolvimento da sociedade, entre a possibilidade de o homem ser criador de bens materiais e espirituais e de poder desfrutar da sua obra criadora (citado *idem*, p. 41).

Nesta perspetiva, a educação não acontece apenas numa idade específica mas ao longo de toda a existência, nos mais diversos contextos, sob as mais diversas modalidades, proporcionando o desenvolvimento integral das pessoas.

O Movimento da Educação Permanente contribuiu, em grande medida, para que a vida não continuasse desligada do ensino, abrindo caminho para uma “reconciliação entre o formal e o informal” (Matos, 1999), que se traduziu na valorização dos espaços e saberes informais, apelando ao intercâmbio entre a escola e o meio, mobilizando outras formas de saber e de aprender.

É com nestes princípios, que permitem entender a educação como um processo global, não exclusivo apenas da escola, presente ao longo da vida e nos seus vários contextos, que podemos conceber as instituições culturais, nas quais se integram os centros culturais como espaços educativos, não formais, e o trabalho dos seus serviços educativos como um trabalho efetivamente educativo.

Cultura e desenvolvimento local

Visto que o estágio decorreu numa instituição cultural torna-se premente abordar os conceitos de cultura e desenvolvimento local. Segundo Costa (2001), o conceito de cultura é polissémico, podendo assumir diferentes enfoques, o que faz com que a cultura seja um domínio vasto e impreciso, que não se restringe apenas a formas de expressão, mas também a formas de produção, isto é, “a cultura está presente nas mais diversas manifestações – de expressão ou produção – do quotidiano o que permite considerar como marcas culturais a linguagem, rituais, estilos de vida (...)” (Costa, 2001, p. 57), bem como um conjunto de símbolos que exprimem a pertença a grupos, através dos quais a vida adquire um sentido.

A cultura possui um importante papel na atribuição de sentido a práticas sociais e padrões de conduta, podendo, por isso, ser uma forte impulsionadora de dinâmicas de desenvolvimento local. Amaro (2009) apresenta uma primeira definição de desenvolvimento local como o “processo de satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida de uma comunidade local, a partir essencialmente das suas capacidades, assumindo a comunidade o protagonismo principal nesse processo e segundo uma perspectiva integrada dos problemas e das respostas” (Amaro, 2009, p.108).

No fundo, o desenvolvimento local constitui um processo de mudança conducente a uma melhoria do bem-estar e das condições de vida da população, centrado numa comunidade territorial de pequena dimensão, definida pela existência de uma identidade



comum, capaz de mobilizar solidariedades de ação e com pretensões a uma autonomia de afirmação do seu destino. A questão da identidade é importante porque as cidades, tal como os indivíduos, possuem identidades próprias que se conquistam, transformam ou se esvanecem e alteram, em função de inúmeras circunstâncias, endógenas e exógenas (citado por Almeida, 2003).

Este processo de mudança visa dar resposta a necessidades básicas da comunidade, mobilizando capacidades locais, adotando metodologias participativas e de *empowerment* da comunidade local, contando com a contribuição de recursos exógenos. (Amaro, 2009)

Políticas culturais autárquicas

Na tentativa de perceber as condições políticas que norteiam a relação entre as instituições culturais, com seus serviços educativos, e o território onde estão inseridas, abordar-se-ão algumas questões relacionadas com políticas culturais ao nível das autarquias.

A este respeito, Silva (2000) refere que na maioria dos casos “a política cultural não constituiu uma prioridade inicial da gestão democrática nas autarquias portuguesas” (p. 122) O entendimento da ação cultural enquanto importante área de investimento é relativamente recente.

Cabral (2006) alertam-nos para a urgência em reafirmar a validade das políticas culturais enquanto peças fundamentais de um modelo avançado de desenvolvimento preocupado com a ampliação das esferas de cidadania, que não se limitem a um mero “efeito de marketing urbano, espécie de *software* lúdico ou invólucro para o que «realmente interessa»”(p. 10), mas pelo contrário procurem estabelecer patamares de ligação à esfera cultural, “incentivando a aproximação de camadas da população tradicionalmente afastadas tanto do campo da produção como da receção cultural (sobretudo das formas culturais mais exigentes do ponto de vista da sua descodificação)” (Cabral, 2006, p. 15), e construindo uma “relação de fidelidade sem a qual nenhuma política com o intuito de dinamização cultural poderá sobreviver a médio/longo prazo” (Cabral, 2006, p. 15).

O trabalho do SE do CCVF é essencialmente de índole artística por estar inserido numa instituição cultural que tem a arte contemporânea como principal foco de trabalho. De acordo com Barbosa (s/d), não podemos compreender a cultura de um país sem conhecer a sua arte, uma vez que através da arte “temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças” (Cabral, 2006, p. 15). A arte permite às pessoas a inserção no lugar ao qual pertencem, abrindo portas para outros lugares no mundo, por proporcionar um sentido de personalização. Por estas razões a arte deve fazer parte da educação, pois é um importante instrumento para a identificação cultural e para o desenvolvimento individual.

Pertinência e competências dos serviços educativos

Os serviços educativos são uma peça fundamental nas instituições culturais, na medida em que são o órgão responsável por estabelecer a relação entre determinada instituição e o seu público, através da promoção de projetos e atividades de carácter lúdico e educativo, tendo a preocupação de que essas atividades não assumam um carácter



escolarizado, não esqueçam públicos tão diferenciados como os adultos pouco escolarizados, as pessoas de idade avançada, e crianças com necessidades educativas especiais.

Sendo a cultura uma importante fonte de socialização, proporcionando a aproximação e o contacto entre as pessoas, podemos considerar que o interesse cultural é comum entre os indivíduos (Ganga, 2007). João Teixeira Lopes refere que a cultura “forma círculos de sociabilidade mais ou menos restritos, favorece ou dificulta projectos de mobilidade social” (citado por Ganga, 2007, p. 4). É neste sentido que os serviços educativos adquirem importância enquanto facilitadores de uma aproximação entre pessoas, instituições, culturas.

A formação de públicos é essencial se queremos democratizar o acesso à cultura, pois

nenhuma fórmula mágica torna acessível, em tempo aclarado, bens culturais longamente encerrados numa aura de intangibilidade, a populações cujas competências e disposições culturais lhes são sobremaneira estranhas. Nem basta derrubar a barreira dos preços e da interdição dos espaços [...], porque a barreira forte e mais difícil de derrubar é a do capital cultural (Silva, et al citado por Ganga, 2007, p. 6).

Ações desenvolvidas pelo serviço educativo do Centro Cultural Vila Flor

A tabela abaixo mostra as atividades que o SE do CCVF desenvolveu durante período do estágio. A observação do quadro permite perceber essencialmente a natureza das várias atividades, ordenadas cronologicamente, os públicos a que se dirigiram, e a adesão que tiveram.



Tabela 1: Atividades desenvolvidas pelo Serviço Educativo do Centro Cultural Vila Flor durante o período de estágio

Nome	Tipo	Data e hora	Público a que se dirige	Local	Número de participantes
Sopa Nuvem	Espectáculo Multidisciplinar	Sexta-feira 14 Outubro 10h00 e 19h00	Maiores de 7 Anos	Palco do Grande Auditório do CCVF	31
A Palavra Manifesta	Oficinas de Escrita/ Som	Sábado 22 Outubro 18h00	Maiores de 6 anos	Espaço Oficina	40
Artes e Comunidades - Encontros	Oficinas/ Formação/ Seminário	Sexta 28 Outubro 19h-21h, Sábado 29 Outubro e Domingo 30 Outubro 10h às 19h	Adultos	CCVF	36
Caminhos do Olhar (De Outubro de 2011 a Junho de 2012)	Sessões formativas + roteiro artístico	<u>Sessões formativas:</u> 1 Outubro 10h-18h 22 Outubro e 3 Dezembro 15h-18h <u>Roteiro:</u> 1 Outubro 22h, 22 Outubro 18h, 22 Outubro 22h, 3 Dezembro 18h, 17 Dezembro 22h,	Maiores de 15 anos	CCVF e outros	19
Oficinas para professores (com base no conto A Ilha Desconhecida)	Oficinas	Terça 08 e Quinta 10 Novembro das 18h30 às 21h30 Segunda 28 e Quarta 30 Novembro das 18h30 às 21h30	Professores	Espaço Oficina	37
À conversa com o Jazz	Conversa	Quarta-feira 09 e 16 Novembro às 14h30	Todos os Públicos	Dia 9 Café Concerto CCVF Dia 16 Convívio Associação Cultural	20
Vassilissa ou a boneca no bolso	Teatro	Sexta 25 Novembro 10h00 e 15h00 e Sábado 26 Novembro 16h00	4 a 7 anos	Espaço Oficina	361
La veritable histoire d un petit bonhomme carré qui tournait en rond	Teatro de marionetas	Sexta-feira 02 e Sábado 03 10h00 e 15h00 e 16h00	Maiores de 3 anos	Sala de Ensaios do CCVF	175
Entretecer	Oficina Multidisciplinar	Sábado 10 Dezembro 16h00	Maiores de 6 Anos	Sala de Ensaios do CCVF	60
Natal Feito com as Mãos	Programa de férias Multidisciplinar	19 a 23 Dezembro	Dos 6 aos 10 Anos	Sala de Ensaios do CCVF	72
Definitivos e Provisórios Improvisados	Oficina de Artes Plásticas	Quartas 18 Janeiro a 15 Fevereiro Por marcação 10h00 e às 14h30 e Sábado 18 Fevereiro às 16h00	6 a 14 anos	Espaço babysitting CCVF	215
A Nova Bailarina	Espectáculo de Dança Interativo	Quarta 18 a Sexta 20 Por marcação das escolas e Sábado 21 16h00	6 a 12 anos	Dias 18 a 20 nas escolas Dia 21 na Sala de Ensaios do CCVF	196
Hugo Canoilas e	Laboratório de	Sábado 21 e Domingo	Maiores de 15	Fábrica ASA	0



Vasco Costa	Artes Plásticas	22 10h00 às 18h00	anos		
Daqui vê-se melhor	Teatro	Quinta 26 e Sexta 27 10h00 e 15h00 e Sábado 28 11h00 e 16h00	Maiores de 7 anos	Espaço Oficina	367
Histórias do Princípio do Mundo	Sessões de contos	Sexta-feira 27 e Sábado 28 21h30	Todas as idades	Dia 27 Moreira de Cónegos Dia 28 Santa Eufémia (Prazins)	67
Desenha-me um espaço	Laboratório de Cenografia e Performance	Domingo 05 e Sábado 11 Fevereiro 11h00 às 18h30	Maiores 16 anos	Espaço Oficina	9
Azul	Espetáculo de Dança	Quinta 23 e Sexta 24 Fevereiro 10h00 e 15h00 Sábado 25 Fevereiro 11h00 e 16h00	3 a 5 anos	Espaço Oficina	343

Esta tabela permite ter uma noção da multidisciplinaridade das atividades que o SE dinamiza, bem como da pluralidade de públicos com que trabalha, nos diversos espaços em que intervém. Podemos identificar atividades mais voltadas para públicos específicos, como é o caso d'“A Ilha Desconhecida”, para professores, ou do “Azul” para crianças dos 3 aos 5 anos, e também atividades para o público em geral, como é o caso da “À Conversa com o Jazz” ou do “Histórias do Princípio do Mundo”.

O SE desenvolve atividades em vários locais, seja no centro de Guimarães, seja no CCVF ou no Espaço Oficina, até à periferia do concelho como por exemplo nas freguesias Moreira de Cónegos ou Prazins – Santa Eufémia. Essas atividades podem assumir diversos formatos, tais como espetáculos, conversas, debates, oficinas, laboratórios, ações de formação, visitas orientadas incidindo sobre diversas áreas artísticas com o teatro, a dança, a pintura, a música, as artes plásticas.

O quadro I mostra que as atividades desenvolvidas pelo SE do CCVF são flexíveis a nível de horários, programas e locais, e adequadas a contextos e públicos singulares. Estas características remetem para uma educação de tipo não-formal, condizente com uma instituição educativa não-formal, como é o caso do CCVF, com preocupações educativas diferentes das da escola no trabalho que desenvolve.

Sendo a área de ação do SE do CCVF as práticas culturais, com especial foco nas práticas artísticas, as suas preocupações educativas decorrem do seu trabalho a nível artístico, mantendo o interesse em beber diretamente das práticas artísticas, atendendo a que elas são abertas à descoberta, à experimentação, à improvisação e ao erro, e privilegiam mais o processo do que o resultado final. Desta forma, as atividades do SE procuram oferecer experiências ricas do ponto de vista da aprendizagem e da experimentação, proporcionando o acesso a diferentes formas do fazer artístico, a partir do contacto com diferentes áreas, linguagens, metodologias e formas de pensamento.

O projeto histórias do Princípio do Mundo

Como exemplo da aproximação do SE do CCVF ao território, apresenta-se o projeto Histórias do Princípio do Mundo, concebido com o intuito de levar a programação cultural da Capital Europeia da Cultura – Guimarães 2012 aos lugares mais periféricos do concelho de Guimarães. Este projeto consistiu em sessões de contos, direcionadas especialmente para a população das freguesias onde se realizavam, em torno da tradição



oral portuguesa, das histórias que foram passando ao longo das gerações. É este o seu principal objetivo, evidenciando a preocupação de tornar mais democrática a vivência da cultura, e procurando levar a Capital Europeia da Cultura às pessoas e aos locais que, por iniciativa própria, não participariam de Guimarães 2012.

A realização deste projeto implicou cenários muito peculiares. Uma vez que falamos de um projeto que está muito baseado na tradição, foi pedido, no âmbito do estágio e enquanto produtor do projeto, que se encontrassem casas de traça rústica, casas de lavoura, de gente humilde, onde o público fosse acolhido num ambiente familiar. Encontrar casas com estas características nem sempre foi tarefa fácil, tendo sido fundamental o apoio, em jeito de parceria, dos que melhor conhecem as freguesias de Guimarães: os presidentes de junta, os párocos, os habitantes locais, os líderes informais das comunidades.

De todos os projetos do SE do CCVF com os quais foi possível contactar durante o tempo de estágio, este foi sem dúvida o que mais se aproximou da lógica da democracia cultural, pensando na dualidade “democratização cultural” e “democracia cultural”.

A “democracia cultural” distingue-se da “democratização cultural” por encarar a ação cultural “de baixo para cima e de dentro para fora” (Lopes, 2009, p. 5), isto é, a cultura passa a ser entendida não apenas como a mera reprodução de um património existente, mas também como um espaço onde é permitido aos cidadãos a produção de cultura, isto é, “o «consumo cultural» dá lugar á «participação cultural»” (Lopes, 2009, p. 5), recusando desta forma uma lógica consumista de cultura, e valorizando o potencial endógeno das comunidades.

A principal razão pela qual o projeto Histórias do Princípio do Mundo se insere na conceção de democracia cultural tem a ver com o facto de ele conceber o público – essencialmente constituído por indivíduos dos meios populares, com poucos hábitos de frequentar certo tipo de espaços culturais – como produtor de cultura e como detentor de um património digno, com valor cultural, que importa resgatar e divulgar. Assim sendo, com este projeto não só se levou a programação da Capital Europeia da Cultura àqueles que por sua própria iniciativa não a procurariam, mas além disso incluiu na programação os seus contributos, as suas raízes.

Assumindo que a cultura possui um importante papel na atribuição de sentido a práticas sociais, ela possui também um papel impulsionador de dinâmicas de desenvolvimento local, como se terá verificado no decorrer do Histórias do Princípio do Mundo, uma vez que atribuiu protagonismo e voz às comunidades, credibilizando a identidade delas, e dando-a a conhecer ao grande público. De facto, na sessão de encerramento do projeto, os elementos do público que se destacaram em cada sessão, por partilharem histórias, foram convidados a contá-las de novo, num espaço mais amplo, desta feita na cidade de Guimarães, para um público mais numeroso e mais abrangente.

Considerações finais

A escolha do SE do CCVF como lugar para estágio partiu da crença de que os serviços educativos são espaços onde a educação é uma constante, independentemente da área de trabalho da instituição onde o serviço educativo esteja inserido.

Os centros culturais são espaços onde a educação está claramente presente, facto que por si justifica uma maior aposta na rentabilização de todo esse potencial educativo. Falamos nestes casos de uma educação de tipo não-formal, e por isso diferente da



educação escolar no que diz respeito às suas preocupações e às dinâmicas que produzem, caracterizando-se, como foi referido anteriormente, pela flexibilidade de horários, programas e locais, e pela preocupação em construir situações educativas adequadas a contextos e públicos singulares, tal como acontece, efetivamente, nas atividades do SE do CCVF.

A criação de um serviço educativo é uma questão que se torna pertinente quando se fala da criação e implementação de uma estrutura de oferta cultural em tecido urbano. Apesar das especificidades características dos diferentes públicos, o SE do CCVF deverá ser entendido como uma valência que pretende atingir particularmente públicos menos familiarizados com as distintas expressões artísticas, e com particularidades que devem ser tomadas em conta. É especificamente para estes públicos que o Serviço Educativo pretende existir, abrindo portas para a descoberta, a análise, a crítica, a experimentação e a realização.

A questão do desenvolvimento local é intrínseca ao trabalho do CCVF uma vez que proporciona, em primeiro lugar à comunidade do espaço geográfico onde está inserido, mas também a pessoas de outros espaços, a possibilidade de contactarem com diversas formas culturais pela via da arte. Mais do que uma atitude passiva de abrir as portas e esperar que as pessoas acedam à cultura, o CCVF, essencialmente por intermédio do seu SE, procura ir ao encontro das pessoas levando a cultura até elas e resgatando a cultura delas, reconhecendo-as não só como reprodutoras, mas acima de tudo como produtoras de cultura.

A partir da reflexão sobre a experiência de estágio vivenciada, particularmente da colaboração no projeto Histórias do Princípio do Mundo, tornam-se evidentes os processos de educação não-formal e informal presentes na intervenção dos serviços educativos e a sua importância no estabelecimento de relações entre estes e os territórios e comunidades locais.

Referências bibliográficas

- Almeida, Maria (2003). *Os serviços educativos de museus: A Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Amaro, Rogério Roque (2009). Desenvolvimento. In Pedro Hespanha et al. (Coords.), *Dicionário internacional da outra economia* (pp. 108-113). Coimbra: Almedina.
- Araújo, Carlos Xavier (2012). *Serviços educativos na cultura: Que lugar para a educação? Uma experiência de estágio no serviço educativo do Centro Cultural Vila Flor*. Dissertação de Mestrado, Porto, Portugal.
- Barbosa, Ana Mae (s/d). *Arte, educação e cultura*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>.
- Canário, Rui (2000). *Educação de adultos: Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- Costa, Alexandra Sá (2001). *Políticas de juventude: Regulação e/ou emancipação*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Costa, Duarte Sá & Cabral, Jorge (2006). *Cultura: Política e prática. Os públicos da cultura em Matosinhos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos: Edições Afrontamento.



Ganga, Rafaela (2007). Educação, música e cidade: Que inclusão? Disponível em <http://conferencias.iscte.pt/viewpaper.php?id=173&cf=3>.

Lopes, João Teixeira (2009). Da democratização da cultura a um conceito e prática alternativos de democracia cultural. *Cadernos de Estudo*, 14, 1-13. Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/302/S%26E14_Da%20democratizacao%20da%20Cultura%20a%20um%20conceito.pdf?sequence=1.

Matos, Manuel (1999). *Teorias e práticas da formação*. Porto: Edições ASA.

Medina, Maria Teresa (2008). *Experiências e memórias de trabalhadores do Porto. A dimensão educativa dos movimentos de trabalhadores e das lutas sociais*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Silva, Augusto Santos (2000). *Cultura e desenvolvimento: Estudos sobre a relação entre ser e agir*. Oeiras: Celta Editora.

